

Editorial

## Portugal fora da Nato!

As autoridades portuguesas, correspondendo à pressão dos EUA, preparam o envio de mais tropas para o Afeganistão. Como no Iraque ou no Kosovo, os teatros de guerra abertos pelos norte-americanos vão sendo suportados por homens e meios de países que são comprometidos na agressão por governos subordinados aos EUA.

A campanha para convencer a população portuguesa da "obrigatoriedade" de enviar mais tropas para o Afeganistão está em marcha. Os ministros Luís Amado (Negócios Estrangeiros) e Severiano Teixeira (Defesa) são os ponta-de-lança da operação. Na frente jornalística, de novo em prontidão, o *Público* advoga, em editorial de 20 de Agosto, ser "importante que se tenha em Portugal consciência de que os nossos soldados vão correr riscos, que podem morrer porque vão combater, mas que não podem deixar de ir". Em debates televisivos, os mesmos generais e os mesmos comentadores que fizeram a cabeça aos portugueses com o "perigo" de Saddam Hussein, lançam-se agora em campanha pelo esforço de guerra norte-americano no Afeganistão, mesmo reconhecendo que a guerra está perdida.

**O**s argumentos, tanto das autoridades como dos corifeus, são os mesmos que serviram para envolver Portugal na agressão ao Iraque. Em vez das armas de destruição massiva que ninguém viu, agora é "a guerra contra os fundamentalistas" e são os "compromissos" com a Nato. A prosa está requentada e soa a mau teatro. Mas é preciso despertar a opinião pública portuguesa, se não queremos ser arrastados para mais um crime.

É altura de denunciar a Nato como aquilo que é: uma aliança militar de agressão ao serviço dos interesses norte-americanos e europeus. E apelar à população para que exija a saída de Portugal da Nato.

# MUDAR DEVIDA

jornal popular / apoio: 0,50€

Julho/Setembro 2009 / número 18

## É o fim da crise, diz Sócrates

### Mas há 700 mil desempregados com outra opinião

O regozijo do primeiro-ministro contrasta até com os dados oficiais, que dão conta de ter sido ultrapassada a barreira dos 500 mil desempregados (na verdade, mais de 700 mil), o valor mais alto dos últimos 30 anos. Confirmando a evidente degradação das condições de vida da população, a Caritas prevê para o último trimestre deste ano um agravamento da fome e demais carências

entre grande número de famílias.

Precisamente aquelas que foram vítimas de despedimentos ao longo dos últimos meses e que deixarão de receber os subsídios a que tinham direito.

Crianças sem creche, idosos sem lar, falta de comida em casa – tudo pode piorar para essas famílias.

*página 3*



Os Estados Unidos adiam a crise *pág. 12*

França: a luta operária não abrandará *pág. 10*

“Estamos no começo dum longo período de perturbações e de revolução social”  
entrevista com o economista Tom Thomas *pág. centrais*



## Veneradores e obrigados?

Apágina internet do *Expresso* anunciava a 27 de Agosto uma entrevista (por um enviado especial...) a Fernanda Silva, uma algarvia que é, há 34 anos, "um elemento fundamental na família Bruni Tedeschi" e que presentemente "trabalha no Eliseu como braço-direito de Carla Bruni, a primeira dama de França".

Os comentários que a seguir publicamos não foram dirigidos ao MV, naturalmente. Mas não resistimos a dar conta das reacções dos leitores do *Expresso* a tão importante novidade. Uns indignados (não com o papel da portuguesa, mas com o relevo que o semanário dá ao caso). Outros orgulhosos, parece, da condição de subalternos.

- ...as notícias do Estado Novo! Lembram-se da história da costureira que tinha feito a bandeira americana que foi para a Lua? Não há mesmo mais notícias?

- Servir, servir, chapeladas e venham os euros. Aliás, os PIN para o turismo rico na costa alentejana, serão para pôr a malta a servir às mesas dos europeus ricos e fazer camas. Com sorte ainda vamos tomar conta dos idosos para a terra deles.... Aleluia!

- ...Uma empregada doméstica portuguesa no Eliseu, grande surpresa!

- Que orgulho ver (mais uma vez) uma portuguesa entre a criadagem (desculpem a expressão) de gente rica e importante! Por isso é que os estrangeiros estão convencidos que Portugueses só sabem fazer limpezas (as mulheres) e ser trolhas (os homens). Já nem falo do estereótipo do escarrar para o chão, dos chinelos e da bata, do analfabetismo, do bigode... que

tanto nos "orgulha" por esse mundo fora...

- Certa gente exige algum "know how" por parte da criadagem. Veja-se o que se passa na velha Albion. O facto duma portuguesa "dirigir" a casa da Carla Bruni já é algum estatuto, que não está ao alcance de qualquer "femme de ménage". Estou mesmo convencida que alguns dos homúnculos que aqui debitam opiniões sobre o estatuto desta dita portuguesa nem para engraxar sapatos serviriam. É uma tristeza aquilatar do nível e do propósito das intervenções desses pigmeus armados em gigantes. Bravo portuguesa pelo teu desempenho no palácio do Eliseu. Deixa falar estes parasitas subsidiados pelo socialismo da Abrilada da nossa desgraça!

- Esta é para os (doutores, engenheiros, advogados) que aqui desprezam a "criadagem portuguesa". Com certeza não será uma notícia de primeira página, mas é um orgulho, sim senhor! É que muitos de vocês falam porque têm inveja (...). Meus amigos, seja o trabalho que for e onde for, do momento que se faça com dignidade, deve ser sempre motivo de orgulho (...). Acredito que muitos de vocês [se] tivessem oportunidade de sair de Portugal, não olhavam para trás, agora assim, como estão em casa a mamar à conta do orçamento, ficam frustrados de ver as outras pessoas bem...

- Somos tão, tão pequeninos na mentalidade, que nos orgulhamos de ser criados de franceses famosos. Como se já não chegasse sermos conhecidos pela Europa fora como os jardineiros dos suíços e as empregadas domésticas dos franceses, ainda fazemos notícia

disso no nosso país. (...) Não censuro quem vai para o estrangeiro trabalhar, com as oportunidades que se tem cá, não é de admirar que a emigração seja atractiva. Somos há muito tempo, e continuamos a ser, um país de emigrantes. Será porque o nosso país estagnou?

- Um cão na Casa Branca de raça originária em Portugal é motivo de orgulho? Uma empregada de Carla Bruni é motivo de orgulho? Quem se deslumbra com as coisas pequenas, ou não tem capacidade para admirar as grandes, ou não tem coisas grandes com que se admirar.

- Aliás, Adão... era português.



## Os 50 anos da ETA

Após 50 anos de luta, a ETA só acabará quando o Reino de Espanha e a República de França tiverem a coragem política de realizarem um referendo seriamente democrático sobre a autonomia e independência do País Basco e Navarra.

**Fernando Barão**

## "Esquerdismo"

Se não fosse o "esquerdismo radical" de que fala pejorativamente o PM Sócrates, Portugal estava no caos e completamente de rastos.

**Fernando Barão**

### FICHA TÉCNICA

**Redacção** Cristina Meneses, Manuel Raposo, Pedro Goulart  
**Colaboradores** António Louçã, Carlos Completo, Carlos Simões, Francisco Raposo, Manuel Monteiro, Rita Moura, Urbano de Campos  
**Site** David Raposo  
**Contactos**  
 Rua João Ortigão Ramos, 19-4.º A, 1500-362 Lisboa  
 jornalmudardevida@gmail.com  
 www.jornalmudardevida.net

### ASSINATURAS

**10 números** (um ano)  
 Donativo mínimo, €15  
 Apoio, o mais possível

Como fazer uma assinatura:

**No site** [www.jornalmudardevida.net](http://www.jornalmudardevida.net) (> Assinaturas): indique nome, morada, código postal e transfira o seu contributo numa caixa Multibanco (seleccionar "Outras Operações" e "Transferências"), para o NIB 0007 0000 00682481622 23. Para sabermos de quem vem o contributo envie-nos um e-mail a comunicar a transferência.

**Por correio:** envie nome, morada, código postal, indique o número a partir do qual inicia a assinatura e junte um cheque traçado ao portador.

### APOIOS

Vendas Lisboa.....10,00 €  
 Donativos.....150,00 €  
 Total.....160,00 €

# É o fim da crise, diz Sócrates

Mas há mais de 700 mil desempregados com outra opinião

**T**odos perceberam que o fim da crise alardeado por Sócrates soa a propaganda. Para fazer crer que foram as medidas do governo que salvaram a “economia” e o “país”. E, obviamente, para lhe agradecermos o favor.

Mas soam igualmente a falso as vozes da oposição que atacam a euforia do primeiro-ministro apenas para daí tirarem dividendos eleitorais. Como a sua política é de curto alcance, atribuem ao governo mesmo aquilo que ele não domina, como é o caso da crise capitalista, para poderem apresentar-se como mais aptos e mais competentes.

## Crise sem controlo

Ora, nenhum governo, nenhum órgão mundial de controlo da economia pôde ou poderia evitar a crise, pela simples razão de que ela se inscreve no próprio curso do capitalismo, desencaixando-se quando chega a hora.

O que faz correr o capitalismo não é a satisfação das necessidades da população, mas a produção de lucro. O sistema tem, assim, em si mesmo, um limite natural que, ciclicamente, se lhe impõe: quando o volume de capital e de bens ultrapassa o que pode ser vendido com ganho, o sistema entra em crise. E a solução é destruir os meios de produção que for preciso para recomeçar a produção em novas condições, mais livre de concorrência.

Um dos principais meios de produção a eliminar é a força de trabalho. O desemprego da massa assalariada é, por isso, sempre, um resultado das crises, dependendo o seu nível da organização e da capacidade de resistência dos trabalhadores.

## Recuperar à custa do trabalho

Talvez seja cedo para Sócrates declarar fim da a crise. Mas pode até admitir-se que o lado da crise de que ele fala, o da recuperação dos negócios, dê sinais de melhoria. Isso não altera nada no que respeita ao outro lado da questão, aquele que nos interessa – o da situação da massa trabalhadora.

Os negócios capitalistas podem retomar o caminho ascendente, mas isso não significa que a eliminação de postos de trabalho tenha chegado ao fim. Um certo nível de retoma dos negócios é compatível com o crescimento do desemprego. Mais: uma das condições básicas da retoma será a manutenção de níveis de desemprego mais altos do que eram antes da crise. Por outras palavras, grande parte dos que foram despedidos agora não voltarão a ter trabalho.

A recuperação terá sempre, para os trabalhadores, esta marca negativa: menos emprego, massa salarial mais baixa, maior exploração de quem tenha trabalho.

## Despedimentos não param

Os números do desemprego, tanto no país, como lá fora, confirmam isto mesmo.

Nos EUA, por exemplo, os dados oficiais apontam sinais de (embora débil) crescimento económico pelo quarto mês consecutivo. Mas, ao mesmo tempo, o consumo privado diminuiu em Julho como reflexo dos altos níveis de desemprego. Só na primeira semana de Agosto, 558 mil norte-americanos inscreveram-se no desemprego, mais 4 mil que na semana anterior. Na Europa, o mesmo cenário. A euforia dos meios oficiais perante os míseros sinais de “crescimento” (melhor dito: de abrandamento do declínio



económico) não consegue disfarçar os despedimentos contínuos nem as previsões de crescimento do desemprego global nos próximos anos, que vai a caminho dos 10%.

Por cá, o regozijo do primeiro-ministro contrasta mesmo com os dados oficiais que dão conta de ter sido ultrapassada a barreira dos 500 mil desempregados (na verdade, mais de 700 mil), o valor mais alto dos últimos 30 anos. No final do ano, a taxa (oficial) de desemprego pode passar dos 10% (uns 14%, na realidade), prosseguindo pelo menos ao longo de 2010.

## Mais miséria no final do ano

Confirmando a evidente degradação das condições de vida da população, a Caritas anunciou temer que no último trimestre deste ano se dê um agravamento da fome e demais carências entre grande número de famílias. Precisamente aquelas que foram vítimas de despedimentos ao longo dos últimos meses e que deixarão de receber os subsídios a que tinham direito. Crianças sem creche, idosos sem lar, falta de comida em casa – tudo pode piorar para essas famílias.

A crise que Sócrates deu por finda (a mesma de que falam também PSD e CDS, embora em sentido contrário) não é a desta gente sacrificada.

**Manuel Raposo**

# Uma dança de conselheiros

O Presidente da República, responsável pela designação de cinco elementos para o Conselho de Estado, anunciou ter escolhido o economista Vítor Bento para substituir Dias Loureiro naquele órgão. Fê-lo, só após um grande escândalo, uma demorada e atribulada demissão deste seu ex-ministro. Dias Loureiro, fortemente suspeito no caso SLN/BPN e arguido no respectivo processo, era, até há bem pouco tempo, homem da inteira confiança do PR. Mas, parece, não de muita confiança daqueles que, votando habitualmente Cavaco, tinham investido ou depositado dinheiro naquele complexo financeiro, onde se verifica-

ram as graves irregularidades e fraudes, nem tão-pouco daqueles que conhecem os factos que hoje são do domínio público.

Vítor Bento, o novo conselheiro de estado, teórico e estrênuo defensor do capitalismo na sua versão neoliberal, autor do livro “Perceber a Crise”, desde 2008 que tem defendido abertamente a diminuição dos salários reais dos trabalhadores. Tem-no feito, por diversas vezes, a propósito do aumento do salário mínimo nacional, do aumento dos salários da função pública, da crise ou da competitividade da economia portuguesa. Mas o economista Vítor Bento, actual presidente do Conselho de

Administração da SIBS – empresa que gere a rede multibanco – apesar de ausente dos quadros do Banco de Portugal desde 2000, foi, no ano passado, “promovido por mérito” neste banco, o que, pela anormalidade, constituiu escândalo. Mas que, pelos vistos, não terá criado quaisquer problemas teóricos ou de consciência ao então contemplado com a promoção. Pelos princípios que defende com tanta veemência, em aparente contradição com os benefícios que aceitou do Banco de Portugal, Vítor Bento começa já a sua nova função como um excelente exemplo de gestor capitalista e uma referência moral para a nação!



E o Presidente da República, conhecedor de tudo isto, promove Vítor Bento a conselheiro de estado!  
**Pedro Goulart**



# O julgamento dos “25 de Caxias”

Uma imagem do sistema prisional português

**E**m 16 de Julho, o Tribunal de Oeiras tornou pública a sentença que absolveu dos delitos de que eram acusados (motim, destruição e incêndio) todos os chamados “25 de Caxias”.

A falta de consistência do processo pode medir-se pelo facto de o Ministério Público só ter levado a julgamento 25 dos 180 detidos que participaram nos protestos ocorridos em 1996, e acabasse por pedir a condenação de apenas dois deles. Da parte da defesa, que pediu a absolvição de todos os réus, o acento foi colocado na denúncia das condições que se vivem nas prisões portuguesas. E esse é, de facto, o centro da questão.

Em 23 de Março de 1996, ocorreu na prisão de Caxias – arredores de Lisboa – um protesto de cerca de 180 presos contra as más condições da vida prisional, nomeadamente a sobrelotação das celas. O protesto, pacífico, foi reprimido com brutalidade pelos guardas prisionais que usaram bastões, balas de borracha e gás lacrimogéneo. Nos dias seguintes, os presos foram espancados de modo selectivo e individual, e colocados em regime de segurança. A comunicação social passou a notícia para o público como um “motim em Caxias”.

Os 25 detidos que agora estão a ser julgados, foram apontados pelos serviços prisionais e pelo Ministério Público como os “cabecilhas” do dito “motim”.

## Protestos frequentes

Os protestos dos presos nas cadeias portuguesas têm sido frequentes. Muitas das razões desses protestos são as mesmas, o que mostra que alguns dos vícios do sistema prisional permanecem sem alteração. Eis alguns dos casos anteriores à revolta de 1996.

Em 1985, os presos de Vale dos Judeus, 50 km a sul de Lisboa, amotinaram-se em protesto contra os espancamentos sistemáticos infligidos pelos guardas.

Em 1987, a penitenciária de Lisboa revoltou-se espontaneamente contra o espancamento à bastonada de um preso, à vista de todos os demais.

Em 1989, estalou um conflito na cadeia do Linho, 20 km a oeste de Lisboa, em resultado da morte de um preso que estava em regime de segurança. O director, o subdirector e o médico da cadeia são demitidos em consequência dos acontecimentos.

Em Janeiro de 1994, 18 detidos da cadeia de Coimbra (centro do país) entram em greve de fome exigindo maior proximidade dos seus locais de origem.

## Sistema prisional à beira da ruptura

Os protestos desenvolvidos neste ano de 1994, em Janeiro e depois em Março, culminam numa sucessão de lutas diversas. O sistema prisional



está à beira da ruptura. A insatisfação dos presos é generalizada.

A luta desencadeada em Março de 1994 é cuidadosamente organizada pelos presos que entram em greve de fome em vagas sucessivas de forma a prolongar o protesto. Simultaneamente, fazem chegar informações aos meios de comunicação, que as difundem. A luta alastra a várias prisões do país; centenas de presos aderem à greve da fome.

A organização da luta surpreende os serviços prisionais que tentam quebrar a resistência transferindo e isolando os presos. De novo, a brutalidade vem ao de cima: um detido em greve de fome, Carlos Pereira, transferido de Vale dos Judeus para a penitenciária de Coimbra, apareceu morto nas caves desta cadeia. Até hoje, não se conhecem as circunstâncias da morte.

A luta terminaria em Maio, depois de uma amnistia ter libertado 1500 presos. Pouco tempo depois, em Julho, o director-geral dos Serviços Prisionais, um inspector prisional de carreira, é substituído por um juiz.

A situação é de tal modo grave que o novo director-geral ensaia uma reforma do sistema prisional. Com isso, levanta contra si o ódio das redes mafiosas que impõem a lei dentro das prisões. Demitir-se-ia ano e meio depois dizendo que o sistema prisional tinha “chegado ao fundo” e que tinha sofrido ameaças de morte.

## Um quadro de violência

O contexto que prepara a revolta de 1996 em Caxias está a definir-se. A população prisional volta de novo a crescer numa medida que não tem proporção com o aumento da criminalidade e que alguns atribuem a “excesso de zelo” das autoridades policiais e prisionais, juizes e magistrados.

As exigências levantadas pelos presos de Caxias em início de 1996 têm de novo a ver com problemas recorrentes do sistema prisional português: sobrelotação, insalubridade, má alimentação, exploração do trabalho prisional, agressões.

Neste quadro tem especial relevo a violência, física e psicológica, de que os detidos são alvo. A imagem dessa violência traduz-se no número de mortes ocorridas nas cadeias (*ver caixa*).

O país de “brandos costumes”, como os responsáveis do regime fascista apelidavam Portugal, sempre escondeu violências inconfessáveis. Não só as que uma ditadura de 48 anos e uma guerra colonial de 13 anos significaram, mas também aquelas que diariamente atingem o cidadão comum. A violência (e a impunidade) policial é uma dessas marcas de despotismo que transitou da ditadura para a democracia. Não apenas nas prisões, mas também cá fora. Sabem os leitores, por exemplo, que Portugal bate o recorde da Europa no que respeita a mortos a tiro pela polícia em simples acções de policiamento de rua, nomeadamente em perseguições automóveis?

## Manuel Raposo

Artigo publicado no jornal espanhol Diagonal (n.º 107, 31.07.09)

## Lamentável recorde

Os números que conhecemos sobre violência e morte nas cadeias são escassos, mas elucidativos.

Em 1997, o número de mortos nas cadeias portuguesas foi de 106 por cada 10000, enquanto a média para os 10 piores países do Conselho da Europa (CE) era de 58.

Em 2000, a taxa em Portugal baixou para 60, mas a média nos países do CE foi de 31 e a média dos 10 piores foi de 63.

Em 2005, a mesma taxa subiu de novo em Portugal para 72, atingindo o valor absoluto de 93 mortos, sendo 43 por doença e 35...por razões desconhecidas! Entre 2003 e 2005, os detidos que cometeram suicídio foram em número de 46 (mais de um por mês).

## Desemprego “estável”

No primeiro semestre de 2009 inscreveram-se nos Centros de Emprego (CE) 359.563 desempregados, que somados aos 416.005 existentes em 1 de Janeiro dão 775.568, diz o economista Eugénio Rosa. No mesmo período, os CE deram trabalho a 28.921, restando assim 746.647 desempregados. Mas o presidente do IEFP afirma haver apenas 489.820, e deduz que o desemprego “estabilizou”. Este “milagre” foi conseguido com a eliminação de 256.827 pessoas dos ficheiros dos CE!

## Salários em atraso

Nos primeiros seis meses de 2009, os inspectores da Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) detectaram, em cerca de 11 mil empresas inspeccionadas, quase sete milhões de euros de salários em atraso. Isto representa um aumento de 40% em relação a igual período do ano anterior.

## Corticeiros do Norte

Os operários corticeiros da região Norte encetaram no dia 27 de Julho uma semana de protestos contra os salários em atraso e os despedimentos, e a favor de aumentos salariais. Denunciaram o *lay-off*, os despedimentos colectivos e as falências fraudulentas. Numa marcha pela região e numa vigília frente à associação dos empresários do sector, em Santa Maria da Feira, os operários procuram envolver nestas lutas não apenas os trabalhadores corticeiros mas também a população.

## CM de Lisboa

Seis trabalhadoras da área de Acção Educativa da CML foram despedidas por cessação dos contratos. O sindicato mostra o contra-senso entre o despedimento e o facto de a CML ter lançado uma oferta pública de emprego para cerca de 40 vagas para funções equiparadas.

## Estivadores de Aveiro

Estivadores de Aveiro fizeram greve em 3 de Agosto contra discriminação salarial por parte das empresas de trabalho temporário e falta de pagamento de subsídio de férias. Tiveram solidariedade dos estivadores de quase todos os portos nacionais.

# José Afonso

## O músico, o resistente, o homem solidário



Na passagem dos 80 anos do nascimento de José Afonso (2 de Agosto de 1929) queremos relembrar o músico – grande compositor e intérprete – que nos deixou obras tão belas, generosas e combativas, que hoje permanecem vivas como arte e símbolo da resistência ao fascismo. Mas queremos, sobretudo, salientar a acção do resistente

e do homem solidário.

Antes do 25 de Abril de 1974, a sua música foi profundamente marcada pela situação política ditatorial que então se vivia no País e procurou ser um factor de combate a essa mesma situação. Nos fins da década de sessenta, Zeca Afonso aparecia nitidamente como um dos símbolos da resistência à ditadura. Manteve, na altura, ligações com a LUAR e o PCP e, devido a estas ligações e à sua intervenção musical, sofreu várias prisões e perseguições (inclusive sendo expulso do ensino oficial, quando dava aulas no Liceu de Setúbal).

Depois do 25 de Abril, denunciou, através da sua música, os valores burgueses que então dominavam na sociedade portuguesa, esteve envolvido em várias iniciativas e lutas populares e foi solidário com os combatentes políticos vítimas da repressão do novo poder.

Em 1976, José Afonso apoiou a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho à presidência da Repú-

blica, candidatura e programa que, na altura, representavam parte significativa dos que então se reivindicavam em Portugal da esquerda popular e revolucionária. Em fins de 1983, foi-lhe atribuída a Ordem da Liberdade, que rejeitou. Nas décadas de oitenta e noventa destacou-se pela grande solidariedade manifestada aos presos políticos do capitalismo português: primeiro no caso PRP e, depois, quando já estava bastante doente (morreu em 1987), no caso FUP/FP-25.

Consideramos que estas questões devem ser particularmente salientadas, para que não se ouçam sobretudo as vozes daqueles que no poder (ou conluiados com ele) pretendem acentuar o aspecto artístico da obra do Zeca para ocultar a sua intervenção política, visando com isso normalizar/integrar no sistema capitalista a memória do resistente, que o José Afonso efectivamente foi.

**Pedro Goulart**

# Uma imagem do regime

A mais recente ideia que passou pela cabeça de Alberto João Jardim é uma revisão constitucional que ponha o comunismo fora da lei. Melhor que debater ou comentar o assunto em si é avaliar as reacções dos que, não sendo geralmente considerados pela opinião pública palhaços ao nível de Jardim, compõem todavia com ele o campo do regime.

Ferreira Leite, a líder do partido a que pertence o chefe madeirense, achou por bem não se pronunciar “por agora” sobre a questão do comunismo. Mas até à data o PSD não emitiu qualquer posição sobre o assunto, limitando-se simplesmente a deixar que o tema perdesse actualidade. Não admira – da parte de quem teve a brilhante ideia de resolver os problemas do país “suspendendo” a democracia por seis meses, o que significaria proibir não só o comunismo como tudo o que não desse jeito. Não admira, também, da parte de quem acha que a política social do Estado deve ser simplesmente “rasgada”, não por ser miserável como é, mas por

ainda ser excessiva aos olhos do patronato.

Também não é de estranhar o silêncio da parte do CDS-PP, um partido que cada vez mais reduz a sua política a questões de polícia e que sugere a cada passo que os males do regime se resolvem com mais rédea larga às forças repressivas.

Mesmo a reacção do PS, exigindo “explicações” a Ferreira Leite, soa a falso, por ser ditada mais pela preocupação de ganhos eleitorais do que propriamente por razões de princípio ou apego à liberdade. Não foi Sócrates que, na linha de Salazar, acusou “os comunistas” de serem os mentores das repetidas manifestações de trabalhadores e de utentes de serviços públicos contra a sua política – tentando acoimar não só os membros do PCP mas toda a oposição de rua? Não foi o seu governo que enviou, por mais de uma vez, agentes da PSP às sedes dos sindicatos nas vésperas de greves e manifestações? Um comentário de Vasco Pulido Valente no *Público* de 17 de Julho

fornece a pista para entender a “vergonha” (é apenas disso que se trata) sentida pelas “forças democráticas” diante da última saída do bobo. V P Valente lamenta, tal como Jardim, que exista comunismo em Portugal (“Infelizmente, em Portugal, existe comunismo”) que identifica no PCP e no BE. Mas, contra o voluntarismo de Jardim, chama a atenção para os 20% de score eleitoral dessas duas forças partidárias; e daí conclui pela inviabilidade prática da proibição – que, para ser efectiva, diz ele, obrigaria a ter de “instaurar uma ditadura”, no prazo de “dois meses”. É isto que leva Pulido Valente a deduzir que Jardim não pensou “nas consequências” da sua proposta – “para nosso mal e nossa vergonha”.

As imbecilidades que Alberto João Jardim regularmente debita não o impedem de ser um digno representante do regime político em que vivemos. O homem está mais acompanhado do que se pode pensar.

**Manuel Raposo**

Três perguntas a Tom Thomas

# “Estamos no começo de um longo período de perturbações e de revolução social”

Tom Thomas é um economista marxista prolixo que nos últimos vinte anos publicou livro atrás de livro sobre as mutações capitalistas nos diferentes sectores da sociedade contemporânea (o trabalho, a mundialização, o Estado, o programa de transição para o socialismo, o capital financeiro, as crises cíclicas, o fascismo, o indivíduo...). A sua análise teórica, rica e variada, constitui, como o próprio autor diz, “um comentário actualizado de Marx”.

Há dez anos, Tom Thomas escreveu *A hegemonia do capital financeiro e a sua crítica* (ed. Albatroz, Paris, 1999; e ed. Dinossauro, Lisboa, 2000). O autor atacava a questão do dinheiro (moeda, capital, juros, lucro, etc) – esse imenso fetiche, essa “força misteriosa que parece ter vida própria e decidir do bom ou mau tempo no mundo capitalista”. E repetia, recordando Marx, que não há, por um lado, o “mau” capital de rapina e, por outro, o “bom” capital criador de riqueza; capital financeiro e capital industrial são duas formas complementares do sistema de acumulação, “não há qualquer fronteira, senão artificial, entre crédito e especulação, entre capital financeiro e desenvolvimento industrial e comercial. Existe um único sistema de acumulação do capital que só pode desenvolver-se pela especialização dos diferentes ramos, financeiros, industriais, comerciais, etc”.

**1** Como tu sublinhaste, é na esfera da produção, no desfasamento entre a produção e o consumo, que tem de se procurar a causa profunda da crise sistémica iniciada nos anos 70. No entanto, como caracterizar o papel singular que o capital financeiro vai desempenhar no desfecho de uma crise que conduz o mundo capitalista ao caos actual?

O capital financeiro, para ser breve, é o conjunto dos títulos de crédito (que representam o dinheiro adiantado para investimentos, produtivos ou especulativos, pouco importa aqui). O crédito actua sobre a valorização e a reprodução do capital como uma droga sobre um drogado: exalta-o, estimula-o, torna-o eufórico... num dado momento. Depois vem a crise. O doente injecta-se com nova dose e assim por diante

até à overdose: o grande *krach!* (A metáfora pára aqui porque o capital nunca morre por si mesmo).

Ora, quanto maior é a massa de títulos financeiros, mais a parcela de lucros que cada título pode receber tende a diminuir. E diminui, de facto, com a sobreprodução de mercadorias invendáveis que o crescimento do crédito necessariamente provoca. Em suma, o crédito é uma droga que aumenta por determinado tempo o crescimento da produção e do consumo.

Acelera o crescimento do capitalismo e, ao mesmo tempo, acelera o crescimento das suas contradições, que o arruinam. Entre as quais, em particular, esta: de um lado, sobre-acumulação de meios de produção; e, simultaneamente, um menor crescimento da massa salarial, do outro lado (subconsumo). O capital financeiro (o crédito) não é, de modo algum, a causa desta contradição inerente à acumulação do capital (isto é, ao

Em 2007, esta forma autonomizada do valor, transformada pela especulação em “bolhas financeiras” – “elásticas, fluidas, sem rigidez nem materialidade” – vai fazer emergir a imensa crise que percorre subterraneamente desde os anos 70 o processo de produção capitalista: crise de sobreprodução, desajustamento entre produção e consumo. Na esfera financeira, o ponto de partida inicial, a crise declarou-se com a ruptura brusca do sistema de crédito imobiliário norte-americano, esse crédito generalizado e hiper-desenvolvido denominado *subprimes*. O *krach* financeiro que se segue induz, como tentativa capitalista de superação da crise, destruições massivas de capital e trabalho duma violência ímpar! Presentemente, os encerramentos de empresas, com o conseqüente cortejo de despedimentos, são, para a população trabalhadora, a ameaça mais banal, a agressão mais chocante. Em Setembro próximo Tom Thomas publicará um novo ensaio dedicado precisamente à análise da crise actual, intitulado *La crise. Laquelle? Et après? (A crise. Qual? E depois?)*.

Encontrámo-nos com Tom Thomas para evocar de novo, em 3 perguntas, o papel do capital financeiro e as perspectivas de evolução da sociedade civil.

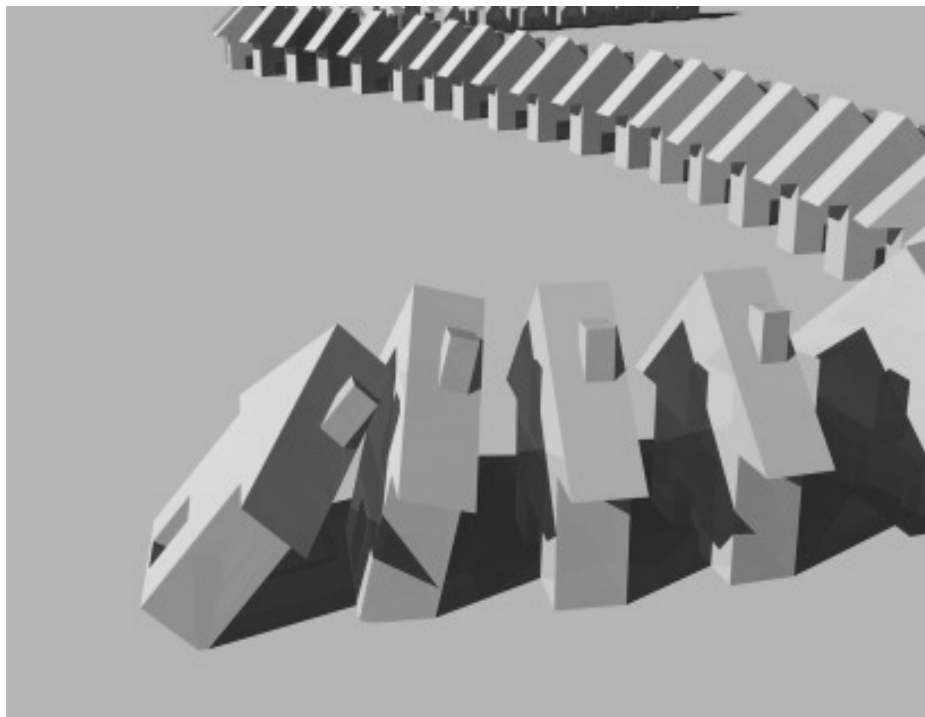
**Manuel Vaz, 26 Agosto 2009**

“crescimento”). Ele é apenas um acelerador.

**2** Que dizer de Bernard Madoff, um dos símbolos mediáticos do *krach* financeiro e bolsista norte-americano – pesadelo tornado realidade para o grande público quando se deu o tsunami dos *subprimes* em Julho de 2007? Condenado a 15 penas perpétuas debaixo de aclamações do público, este ex-herói da finança não percebe porque deve ser ele só a pagar por um sistema financeiro baseado numa “pirâmide” à escala mundial.

Não há nada a dizer, em especial, de Bernard Madoff: a especulação, a fraude, as actividades mafiosas são consubstanciais ao capitalismo, aos seus agentes, aos seus Estados. A sua história está cheia disso. Madoff é apenas um entre milhares.





**3** As condições materiais estão maduras, desde há muito, para uma mudança radical da sociedade. Mas as classes protagonistas, actrizes da mudança, não se apresentam ao encontro com a História, e o mundo capitalista afunda-se cada vez mais na degenerescência. Partilhas da opinião do economista Samir Amin que enuncia uma outra alternativa: a possibilidade de “o capitalismo ser ultrapassado pela destruição da civilização e talvez da vida no Planeta”?

Existe, de facto, a possibilidade de o capitalismo produzir a destruição da humanidade. O seu nível de barbárie e as suas capacidades de destruição não param de crescer à medida que ele próprio cresce. Mas essa não é a única possibilidade. O Apocalipse é um velho mito que tem, por vezes, a função de mascarar o futuro que os homens podem produzir. Seria totalmente errado não ver e não destacar que o capitalismo teve o mérito de criar as condições que permitem ultrapassá-lo, as condições de uma sociedade de indivíduos livres, sem classes, sem dominação estatal, senhores do seu desenvolvimento.

Não posso desdobrar este ponto no quadro desta breve entrevista como fiz nos meus livros. Notemos apenas que não existe nenhuma razão para se pensar que os proletários do mundo inteiro tenham dito a sua última palavra. Pelo contrário, pode constatar-se que as resistências crescem por todo o lado, que a grande burguesia suscita uma hostilidade crescente nas massas. Mesmo nos países mais desenvolvidos, como em França por exemplo, torna-se pouco a pouco mais

claro aos olhos das massas que o capital já só pode dar-lhes cada vez menos emprego. Que quanto menos o capital se pode alimentar delas, menos pode alimentá-las com as migalhas que recebiam, até agora, do “crescimento”. Enquanto os ricos continuam a encher-se o mais que podem, começando a murmurar: depois de nós, o dilúvio! Sim, é preciso que se saiba: muitos de entre eles têm medo, por saberem que a situação lhes escapa da mão.

Portanto, é certo que haverá destruição. Mas de quê, de quem? A situação actual torna progressivamente mais clara a escolha que se coloca aos proletários: ou serem destruídos pelo capital, ou destruí-lo. Por que motivo se há-de imaginar que eles não sejam suficientemente razoáveis para escolherem a segunda solução?

Na verdade, a fórmula do “encontro com a História” enunciada na pergunta é inadequada. Não existe um dia e uma hora. O que começa é um longo período de perturbações e de revolução social que, com altos e baixos, derrotas e vitórias, se estenderá por vários decénios. O que começa é a necessidade de ultrapassar os primeiros grandes obstáculos à constituição dos proletários como classe independente, tais como: a ideia de que o Estado poderia não ser capitalista com um governo de esquerda, que a organização de um partido revolucionário comunista não é uma necessidade, que a luta de classes não precisa da teoria marxista, etc...

E, como se trata dos primeiros passos do início de um longo período, é portanto muito cedo para admitir a derrota dessa revolução social e a “destruição do Planeta” que poderia seguir-se-lhe.

## Capitalismo senil

“A verdadeira barreira à produção capitalista é o próprio capital...”, dizia Marx. Alguns julgaram poder retirar desta observação a conclusão de que o capital se iria desmoronar por si, sob o peso das suas contradições “económicas” (...). Ora, o capital é uma relação social, uma relação de apropriação que só pode ser abolida pelo derrubamento não só dos titulares da propriedade, mas também de todas as condições que dão origem à propriedade. Só uma revolução social (de que a revolução política é apenas um meio) pode abolir relações que são sociais. A época das revoluções proletárias começou na Europa no século XIX. O seu âmbito é hoje planetário. O que se pode dizer desta fase de senilidade em que entrou o capitalismo é que a “barreira” que se opõe à reprodução acumulativa do capital é duma tal consistência que o conduz, a ele e à sociedade capitalista, a uma situação de crise crónica. Isto é, a tentativas permanentes, desesperadas, ineficazes, e sempre recomeçadas, para a ultrapassar, para criar as condições de uma reprodução acrescida de mais-valia. É, portanto, uma luta de classes permanente contra o proletariado que o capital tem de agravar continuamente. Podemos verificá-lo hoje facilmente, muitas vezes sem percebermos que, mais do que de “malvadez”, se trata de uma necessidade do capital. Apesar desta luta intensa, o capital não se desenvolve, ou desenvolve pouco, mas sobrevive. Alguns factos dão testemunho disso:

- O crescimento da pauperização, não já apenas relativa, mas absoluta, que se verifica por todo o mundo do capital globalizado, e que se traduz nomeadamente por fomes, pandemias, epidemias devastadoras, uma miséria galopante em megalópoles monstruosas;

- A multiplicação das guerras nos quatro cantos do globo para tentar manter a ordem necessária ao livre movimento dos capitais e das mercadorias, ou para rivalizar na apropriação de matérias primas e mercados;
- A evolução totalitária da democracia burguesa.

Todos estes factos são exemplos evidentes da intensificação da luta de classes que a burguesia tem forçosamente de pôr em marcha para tentar organizar a sobrevivência do capitalismo, e a sua também, nesta fase senil. O limite último do capital está nesta obrigação da burguesia de ter de emprender uma luta total, uma guerra aberta contra o proletariado mundial. Ela já não consegue manter a coesão social através da “reforma” que distribui migalhas, e que culminou com o Estado-Providência dos anos 50 na Europa, mas apenas sobreviver por meio de uma guerra de classe intensa,

- e permanente até que a perca.

(Tom Thomas, *A crise crónica ou o estádio senil do capitalismo*)

# Crise do capitalismo acentua a vaga migratória de trabalhadores pobres

**A** crise do capitalismo está a acentuar a vaga migratória dos trabalhadores pobres vindos de todas as regiões do mundo onde a dominação colonial e neocolonial cavou um fosso profundo entre zonas de acumulação capitalista e zonas de espoliação.

A Europa e os Estados Unidos tentam (inutilmente) barrar o caminho à imensa vaga de famintos e desesperados que fogem ao desastre, opondo-lhes toda a espécie de barreiras físicas. O muro metálico e de arame farpado que separa o México dos Estados Unidos é, deste ponto de vista, um monumento de imbecilidade humana inacreditável!

Na previsão de tempos ainda mais negros, de desequilíbrios ainda mais profundos entre os dois pólos, o aparelho repressivo da burguesia não pára de se aperfeiçoar, enquanto o arsenal de leis de carácter racial faz progressos como não há memória.

Para o capitalismo – envelhecido, decadente, mas inflexível na sua vontade de perenidade – trata-se de conter por todos os meios o “inimigo interior”, de que se destaca a figura desprezada do trabalhador “clandestino”, utilizado pelo patronato como destabilizador do mercado do trabalho e pelo Estado como bode expiatório do mal-estar social. Num momento em que a solidariedade de classe é frágil e o internacionalismo se encontra abafado, tanto pelo peso da ideologia dominante como pela colaboração de classes que corrói as organizações operárias – corremos todos os perigos!

Eis três casos de luta de trabalhadores imigrantes na Europa.

## Paris

Os 400 emigrantes “clandestinos” expulsos da Bolsa do Trabalho pelo serviço de ordem da confederação sindical CGT ocupam, desde 17 de Julho, o “Ministério da regularização de todos os clandestinos”. Assim ficou baptizado o novo edifício ocupado, de 5 000 m<sup>2</sup>, vazio, pertencente à Caixa de Segurança Social. Esta ocupação foi apoiada por partidos de esquerda e associações de solidariedade, com



destaque especial para os sindicatos de base da CGT, entre eles o sindicato da limpeza que agrupa muitos imigrantes de origem africana. A promessa feita pelo governo de abrir 300 novos dossiês de regularização é, para já, letra morta.

## Roma

O senado italiano adoptou em 2 de Julho a lei sobre “segurança e imigração” proposta por Marioni, ministro da polícia da Liga do Norte. A imigração “clandestina” passou a ser inteiramente criminalizada: todo o trabalhador “clandestino” é passível de uma multa de 10 mil euros; a expulsão é automática e imediata; em caso de detenção, o isolamento pode durar 6 meses sem explicações. Pior ainda, as declarações de nascimento de crianças terão de ser feitas por pais detentores de passaporte ou título de estadia válidos, senão o recém-nascido torna-se um apátrida irregularizável...

Gente conhecida em Itália e mais 34 mil pessoas consideram que, mesmo durante o tempo do fascismo não se tinha ido tão longe em matéria de leis raciais e lançam um

apelo à opinião pública europeia: “se os deixamos agir desta maneira, corremos o risco de desfigurar a cara da Europa e de fazer recuar a causa dos direitos do homem no mundo inteiro”.

## Bruxelas

Os trabalhadores “clandestinos” que ocupam as instalações da Universidade Livre de Bruxelas desde Março deste ano prosseguem a greve da fome. A paróquia de Saint-Jean-Curé-d’Ars, em Forest, encontra-se ocupada por “clandestinos” desde Abril 2006. Nos quatro últimos anos, greves da fome e ocupações multiplicam-se na Bélgica, mobilizando milhares de “clandestinos” na esperança de obterem uma regularização colectiva. Por agora, Turlboom, ministra responsável pela imigração, não cede. Mas o actual primeiro-ministro federal, Van Rompuy, promete para breve novas regularizações. A primeira, realizada em 2000-2001, saldou-se pela integração de 30 mil trabalhadores e famílias.

Actualmente, o número de trabalhadores “clandestinos” no país é estimado entre 80 e 150 mil.

**Manuel Vaz**

## Um sistema irracional

Opulência num reduzido número de sociedades, pauperização crescente em África, Ásia e América Latina. Morre-se de fome aos milhões por esse mundo fora, precisamente quando detemos a capacidade *técnica* de entrar no reino da abundância. O aparelho agro-alimentar actual tem capacidade de alimentar 12 mil milhões de pessoas, segundo o relatório mundial da FAO de 2006 sobre a alimentação. Presentemente, somos “apenas” 6,2 mil milhões!...

## 42 milhões de refugiados

Continua a aumentar por todo o mundo o número de refugiados e deslocados. Hoje, já são mais de 42 milhões. Isto acontece devido a condições de vida degradantes, a problemas climáticos (por exemplo catástrofes) e por causa das guerras (promovidas por uns países contra outros ou por grupos militares dentro de um mesmo país). Para a ACNUR (Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), um dos pilares de apoio a refugiados e deslocados, os cenários prioritários da sua intervenção são o Afeganistão, Paquistão, Sudão, Somália, Congo, Palestina e Iraque.

## Bispos bascos pedem perdão

Os bispos bascos de Bilbau, Donostia (S. Sebastian) e Gasteiz (Vitória) pediram agora perdão pelo “injustificável silêncio dos meios oficiais da nossa igreja” em relação à execução de catorze religiosos bascos pelas tropas franquistas durante a guerra civil espanhola (1936-39). A restante igreja católica espanhola, tão disposta a vir para a rua manifestar-se por causas reaccionárias, mantém, ao longo destes 70 anos, absoluto silêncio sobre as suas cumplicidades com os crimes do franquismo.

## Colômbia cede bases aos EUA

Obama realizou um acordo com Álvaro Uribe para a criação de 7 bases militares na Colômbia. Isto, a acrescentar às mais de 800 bases militares que os EUA detêm no estrangeiro. Aqui, a pretexto do narcotráfico e do terrorismo, os EUA visam impedir o desenvolvimento do processo bolivariano na Venezuela e em outros países da América central e do sul, de modo a controlarem as riquezas naturais destes países. Se a isto juntarmos a intensificação da guerra no Afeganistão, dispomos de elementos suficientes para concluir que Obama mais não faz que prosseguir, ainda que com métodos diferentes do seu antecessor, a velha e criminosa política imperialista dos EUA.



## Não esquecer Gaza

As Nações Unidas publicaram esta semana um relatório sobre o impacto humanitário do bloqueio israelita a Gaza que em Julho passado entrou no seu terceiro ano. Dados a destacar: desemprego acima dos 40%, mais de 75% das famílias dependentes de assistência alimentar, impossibilidade de reconstrução das mais de 6 mil estruturas destruídas ou danificadas durante a última ofensiva israelita, mais de 20 mil pessoas a viver em habitações precárias, 2-8 horas de cortes de electricidade diários, cerca de 10 mil pessoas sem acesso a água corrente, impossibilidade de tratamento médico fora de Gaza, salas de aulas superlotadas.

## Boicote a Israel

A Amnistia Internacional vai retirar o apoio ao fundo criado pelo músico Leonard Cohen com receitas do concerto dado em Israel. A decisão decorre da pressão de activistas BDS (Boicote, Desinvestimento, Sanções) em todo o mundo, incluindo Portugal, que acusam o fundo de Cohen de se destinar a lavar os crimes do *apartheid* israelita. Também o banco britânico BlackRock retirou o financiamento aos projectos de construção em colonatos israelitas. Esta decisão resulta da pressão de três bancos noruegueses que participam nos fundos do BlackRock, que era o segundo maior accionista da empresa de construção israelita *África-Israel*.

## Apartheid fora do futebol

Dia 6 de Agosto, simpatizantes da causa palestiniana juntam-se frente ao estádio D. Afonso Henriques, em Guimarães, onde o Paços de Ferreira jogava com a equipa israelita Bnei Yehuda. A iniciativa visou denunciar a ocupação da Palestina e o regime israelita de *apartheid*. Estão em curso duas campanhas internacionais contra Israel: uma, de "Boicote, desinvestimento e sanções", como aconteceu contra a África do Sul na era do *apartheid*; outra, designada "Chutem o *apartheid* para fora do futebol", para que a FIFA aplique sanções às equipas israelitas, tal como fez à África do Sul.

# O fim anunciado do dólar

Se fosse algum economista suspeito de ser marxista a falar do fim do dólar como moeda internacional não faltaria quem o apelidasse de lunático. Mas agora é um prémio Nobel da Economia, o norte-americano Joseph Stiglitz, a dizer que "é preciso criar uma nova divisa mundial que substitua o dólar". Falando numa conferência na Tailândia, Stiglitz não deixou dúvidas: a moeda norte-americana tem hoje um valor "questionável" e investir em dólares é por isso um "grande risco". Disse mais: "o actual sistema de reservas está em desgaste" e o dólar já "não é um bom refúgio de valor".

Este é mais um efeito – com toda a probabilidade, inevitável – da presente crise mundial. Ela tem, com efeito, um traço particular: o declínio do domínio económico mundial dos EUA e a consequente decadência do imperialismo norte-americano. Tal declínio é já de longa data, mas teve, nas crises mais recentes, um contrapeso importante: enquanto o dólar fosse aceite pela maioria das economias mundiais como a moeda das transacções internacionais, os EUA podiam financiar-se com o dinheiro dos outros, amparando o seu declínio económico com os capitais que, a



troco de dólares, afluíam aos EUA na mira de valorização. Agora, mesmo esse amparo está em vias de desaparecer.

Os EUA confrontam-se, no fundo, com o risco de não poderem comprar ao estrangeiro tudo o que compravam emitindo simplesmente, como até agora, milhões e milhões de notas de dólar. Os seus fornecedores já não querem ser pagos numa moeda que se desvaloriza a cada dia que passa.

Não admira que a China, o maior detentor de divisas estrangeiras em todo o mundo e, até agora, o maior sustentáculo do dólar (ver artigo de Carlos Simões "Os EUA adiam a crise"), exija – com o

apoio da Rússia e com a expectativa interessada da União Europeia e do Japão – a criação de uma nova moeda de pagamento mundial. Stiglitz faz-se porta-voz do inevitável.

Os EUA não podem evitar a decadência. Mas não vão deixar de tentar evitar por todos os meios que outras potências os suplantem. Resta-lhes como argumento cada vez mais exclusivo a força militar, como se tem visto nas últimas décadas. O desenlace da actual crise afigura-se mais rico em mudanças do que fazem crer os prestadores de cuidados paliativos do capitalismo.

**Urbano de Campos**

## Brasil Assassinados 5 trabalhadores do MST

Na tarde de 6 de Julho, no estado de Pernambuco, foram assassinados cinco camponeses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e um outro, que ficou ferido, foi hospitalizado. O massacre ocorreu no Assentamento Chico Mendes (na fazenda Garrote), propriedade há anos atribuída legalmente ao MST. Os seis construíam uma casa, quando os assassinos chegaram de moto, obrigaram os trabalhadores a deitar-se no chão e dispararam. O MST, que surgiu a partir das lutas pela terra nos anos 80 do século XX e se assumiu como herdeiro ideológico dos movimentos de base camponesa que aconteceram no Brasil após a chegada dos portugueses, está actualmente organizado em mais de 20 estados

brasileiros. O Movimento colocou a ocupação dos latifúndios como principal forma de luta pela terra e a mobilização em massa dos sem-terra como forma de fazê-la. A divisa *Reforma Agrária uma luta de todos* deu perspectivas alargadas de luta não apenas aos trabalhadores da terra mas também às minorias excluídas e aos que se têm identificado com o Movimento.

O MST, que contabiliza hoje mais de 300 mil famílias assentadas e acampadas, muitas dezenas de cooperativas e unidades agroindustriais, contribuiu significativamente para a eliminação da fome e redução da mortalidade infantil entre os camponeses. Apesar da grandeza do problema (a existência de quase 5 milhões de famílias sem-terra no Brasil), o

MST tem desempenhado um papel destacado, não só no combate à fome e à mortalidade infantil, mas também nas áreas da educação, cultura e direitos humanos.

Conhecendo a luta de classes no Brasil, os antecedentes de chacina de camponeses a mando dos grandes proprietários de terras (cerca de 1500 trabalhadores assassinados entre 1985 e 2008), parece evidente que o acto criminoso terá sido, uma vez mais, da responsabilidade dos mesmos autores. Assim, cumpre denunciar e combater tenazmente esta gente que, beneficiando de grandes cumplicidades mesmo a nível do aparelho de estado, tem, em geral, gozado de uma escandalosa impunidade.

**Pedro Goulart**

## França A luta operária não abranda

**A** luta operária não ficou enterrada com os opulentos festejos do 14 de Julho, dia nacional da França. Não admira: os “planos de reestruturação” patronais negociados com o governo continuam a bater recordes quanto a despedimentos.

Nas empresas e na frente de luta contra o desemprego, a verdadeira fúria operária continua a manifestar-se sem desanimar. Agora, com ameaças de fazer explodir tudo nas empresas em luta!

480 dos 683 trabalhadores da Nortel Networks, instalada em Châteaufort (Yvelines), filial de um grupo canadiano especialista em equipamentos para a indústria de telecomunicações, encontram-se ameaçados de despedimento.

No próprio dia da festa nacional, os trabalhadores da Nortel ameaçaram fazer explodir as instalações

com uma serie de botijas de gás se as suas reivindicações em matéria de indemnizações não fossem satisfeitas.

Nas vésperas do feriado nacional, os 366 trabalhadores já despedidos, em 16 de Junho, da New Fabris de Châtellerault, empresa especializada em equipamentos para a indústria automóvel, recorreram à mesma ameaça. A fábrica faliu depois de deixar de receber encomendas dos dois principais construtores automóvel (Renault e Peugeot). Depois de destruírem algum material, sem no entanto tocarem por agora nas máquinas ultramodernas da fábrica, os operários foram prevenindo que, se não lhes pagarem 30 mil euros de indemnização por cada despedimento, fazem explodir tudo com botijas de gás. “Não queremos morrer em silêncio”, preveniram, meio-irónicos, os interessados.

Nesta fase de luta, depois de uma

resistência sindical clássica, os trabalhadores têm acabado por aceitar os “planos de reestruturação” e, conseqüentemente, os despedimentos massivos, sendo no entanto intransigentes em matéria de indemnizações. Daí os sequestros e as ameaças de destruição, que têm feito recuar governo e patrões.

Por agora, os sequestros dos quadros das empresas têm sido temporários e pacíficos e as ameaças de fazer explodir as fábricas apenas simbólicas, dado que as botijas de gás não estão equipadas de detonadores; isto é, as explosões não vão mais além que a sua tradução gráfica nas bandeirolas: *Boum!*

Mas os oráculos da burguesia em matéria de emprego/desemprego vão dizendo: “O pior está para vir, em Setembro é que as coisas vão ficar mesmo pretas”...

**Manuel Vaz**

## Explodir fábrica

Os operários da francesa Fabris, fábrica de componentes automóveis em liquidação, ameaçam fazer explodir botijas de gás nas instalações da empresa, caso não lhe sejam pagas indemnizações individuais de 30 mil euros, pela perda dos seus postos de trabalho. A Fabris, actualmente ocupada pelos trabalhadores, ainda dispõe de um valioso stock destinado aos seus principais clientes: PSA e Renault. Chamamos a atenção para a radicalização das lutas verificada em França, que depois dos sequestros de executivos de grandes empresas, agora ameaçam a destruição de uma fábrica, caso não sejam satisfeitas as suas reivindicações.

## Lixo tóxico

É velha e sórdida a história dos países ditos desenvolvidos que procuram exportar o seu lixo tóxico para os países com mais baixo nível de desenvolvimento. Agora, foram quase 100 os contentores, com centenas de toneladas de lixo tóxico (fraldas, preservativos, seringas e pilhas), vindos do Reino Unido e descobertos nos portos brasileiros de Santos e Rio Grande. Apesar das investigações ministeriais, prossegue o negócio sujo de quem, nos “países ricos”, não quer assumir o tratamento dos seus próprios lixos, com comerciantes sem escrúpulos e ávidos de dinheiro dos “países menos desenvolvidos”.

## O dilema afegão

Sondagens vindas não se sabe de onde, previam que o presidente afegão Karzai obteria 44% dos votos nas eleições de 20 de Agosto e o seu principal rival, Abdulah Abdulah, 26%. Ora isto obrigaria a uma segunda volta. O dilema discutido nos meios políticos e militares é este: se Karzai vence à primeira volta, dá ar de que o resultado foi fabricado; se há segunda volta, um provável aumento da abstenção (não esqueçamos que o país está em guerra!) evidenciaria a falta de legitimidade das eleições e de quem fosse eleito. Como os resultados definitivos só serão divulgados em meados de Setembro, há tempo para decidir pela melhor das vias.

## Hotelaria em luta no sul de Espanha

### Dois mil trabalhadores paralisam trânsito em Marbella

Os trabalhadores do hotel *Los Monteros*, em Marbella, sul de Espanha, manifestaram-se no dia 12 de Agosto pela reabertura do hotel (encerrado ilegalmente pelo empresário) e pelo pagamento dos seus salários, por pagar desde Janeiro, vai portanto para oito meses. Não querendo saber das limitações impostas pelas autoridades, 2 mil manifestantes irromperam pelo centro da cidade e paralisaram o trânsito até à noite.

A manifestação foi comunicada previamente à subdelegação do governo (PSOE), propondo desfilar desde uma das entradas da cidade até à praça da municipalidade, mas a autorização foi negada por duas vezes pelas autoridades a pretexto de provocar caos no trânsito e de dar uma má imagem turística para Marbella.

Finalmente, foi autorizado um percurso alternativo por uma via secundária. Mas a emenda foi pior que o soneto: os manifestantes — trabalhadores do *Los Monteros*, familiares, amigos e representantes de outras empresas da região de Málaga, que somavam mais de 2 mil pessoas — invadiram as faixas de circulação das vias principais, obrigando a cabeça da manifes-



tação a mudar de itinerário. Uma parte importante dos manifestantes queria dirigir-se ao município, como inicialmente era pretendido. Mesmo depois de dada por concluída a manifestação, uma grande parte dos manifestantes voltou às ruas centrais da cidade e cortou de novo o trânsito, que esteve interrompido até às 10 horas da noite. Finalmente, um grupo, apesar de mais reduzido, ainda marchou até à praça do município onde permaneceu por algum tempo. Como disse na altura o presidente do comité de empresa, as autoridades, em vez de se dedicarem a proibir os trajectos das manifestações deveriam ser contundentes contra os empresários mafiosos e especuladores que se permitem encerrar ilegalmente empresas

(apesar do fácil que é encerrá-las legalmente em Espanha!) e ficar oito meses sem pagar aos trabalhadores.

Membros das Comisiones Obreras que organizaram o protesto pensam que o governo vai exercer represálias sobre eles, mas afirmam que, se é essa a lição que as autoridades tiram dos acontecimentos, vão ter de se haver com mobilizações bastante mais radicais que a de dia 12. As autoridades que tomem nota, dizem: se não houver uma intervenção social e económica decidida por parte do governo em defesa do emprego e de protecção social, mobilizações como a de Marbella serão apenas medidas de aquecimento para um Outono realmente quente.

**Manolo García (Málaga)**



## Afeganistão Eleições para legitimar a ocupação militar

**Q**ue validade podem ter eleições realizadas num país em estado de guerra generalizada e debaixo de ocupação militar? Para os EUA e para a União Europeia, e tratando-se do Afeganistão, a validade é inquestionável, mesmo contra todos os dados que ilustram a dimensão da fraude. Percebe-se porquê: a guerra está perdida e as eleições são um expediente para tentar dar verniz de legitimidade a um regime que apenas se mantém, até ver, graças às tropas da NATO. Avaliem-se estes factos. Nas zonas dominadas pela resistência Talibã, que boicotou as eleições, o nível de votação ficou entre os 5 e os 10%. Nas regiões onde a influência Talibã é menor, os senhores feudais (que são também os senhores da guerra) controlaram a votação de cada um dos eleitores. A “grande participação” de mulheres anunciada pelos defensores do regime resultou da autorização dada aos maridos e aos homens em geral para inscreverem as mulheres da família nos cadernos eleitorais e para votarem por elas, levando na mão as respectivas cédulas. O candidato Abdulah Abdulah (ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e principal rival do actual presidente Karzai) disse alto e bom som que Karzai encheu urnas com votos falsificados e roubou urnas com votos que não lhe davam jeito. Outros candidatas (eram mais de 40!) denunciaram mais de mil casos de fraude.

Faça-se, entretanto, esta comparação: ainda há



poucas semanas, a comunicação social e os meios políticos norte-americanos e europeus disseram cobras e lagartos das eleições presidenciais no Irão – que no entanto foram sancionadas como legítimas, justas e livres pelos observadores internacionais presentes; agora, diante da impossibilidade material de organizar um escrutínio sério e perante evidentes fraudes, as eleições afegãs são saudadas como “uma verdadeira vitória para a jovem democracia afegã” (Euronews).

Cinismo, oportunismo cretino, desprezo pela democracia é o que o Ocidente revela na defesa que faz das eleições afegãs a todo o preço. Tudo isto ficou bem claro na prosa desavergo-

nhada do director do *Público*, dizendo, no próprio dia 20: “Nestas [eleições] não se trata de saber se os afegãos fazem a melhor escolha, até porque não sabemos qual é a melhor escolha”. Este esforço canhestro de legitimação do regime instalado em Cabul destina-se principalmente à opinião pública norte-americana e europeia, cada vez mais renitente em apoiar o envio de tropas e o dispêndio de dinheiro. Acontece, porém, que aos olhos dos principais protagonistas, os afegãos, uma mascarada como a que se passou em 20 de Agosto apenas contribui para desacreditar mais o regime que lhes foi imposto de fora.

**Manuel Raposo**

## Fim à execução de mulheres iraquianas

### Associação sueca lança campanha para salvar a vida de nove iraquianas

Por iniciativa da IrakSolidaritet (Associação Sueca de Solidariedade com o Iraque) foi lançada uma campanha de denúncia e um apelo à intervenção junto das autoridades iraquianas para impedir a execução de nove mulheres iraquianas. De acordo com a Amnistia Internacional, pelo menos nove mulheres estão em risco de ser executadas a todo o momento. Três outras foram executadas desde o início de Junho.

As mulheres cuja execução é iminente foram deslocadas para uma secção especial da prisão feminina de Khadimya. Uma delas, Samar Saad, foi forçada a “confessar” o assassinato de familiares depois de torturada com choques eléctricos numa esquadra de polícia, em Bagdad. Um juiz condenou-a à morte após duas audições sem que fosse feita qualquer investigação às queixas de Samar.

As outras mulheres agora ameaçadas de execução são: Shuruq Hassun, Sabine Nasser, Samira Abdullah, Um Hussein (“mãe de Hussein”, nome verdadeiro desconhecido), Hanan (nome completo desconhecido), Dhikra Fakhry, Wassan Talib e Lamy Adnan. Outras mulheres ainda estão sob sentença de morte. Durante a primeira metade de 2007,

desenvolveu-se uma ampla campanha internacional contra a execução de quatro mulheres iraquianas, três das quais eram acusadas de “ofensas à ordem pública”. Nenhuma dessas mulheres tinha tido possibilidade de consultar advogados e nenhuma delas reconheceu ter cometido os crimes de que foram acusadas. A campanha conseguiu travar as execuções; mas agora, duas dessas mulheres, Wassan Talib e Samar Saad Abdullah, enfrentam de novo a execução. O facto de os julgamentos no Iraque não terem quaisquer garantias de justiça levou a Amnistia Internacional do Reino Unido a exigir recentemente às autoridades iraquianas que suspendessem as execuções, comutassem as sentenças já dadas e garantissem que mais ninguém fosse levado ao cadafalso.

O uso da pena de morte no Iraque tornou-se de conhecimento público depois do bárbaro enforcamento de Saddam Hussein em 2006. Desde que a pena de morte foi reinstaurada no país, em 2004, foram sentenciadas à morte cerca de 1000 pessoas. Muita gente foi executada, tendo, só no ano passado, sido mortas 34 pessoas. Não existem dados oficiais sobre o

número de presos que enfrentam neste momento a execução.

Em Maio de 2009, as Nações Unidas acusaram o governo iraquiano de não cumprir as exigências mínimas para um julgamento justo como estipulado pela Convenção Internacional sobre Direitos Civis e Políticos. Por isso mesmo, as Nações Unidas exortam o Iraque a introduzir uma moratória nas execuções.

As mulheres iraquianas têm sofrido enormemente com a ocupação; nas prisões são sistematicamente violadas e torturadas. Esta realidade foi, de resto, confirmada pela ex-ministra para os Assuntos das Mulheres, Nawal al Sammaria, quando se demitiu.

“A ausência de direitos no Iraque sob ocupação”, diz a organização sueca, é uma situação “de que as potências ocupantes são em última análise responsáveis”.

No seu apelo, a IrakSolidaritet exige o fim das execuções e exorta os partidos políticos, deputados, organizações e pessoas a protestarem junto das autoridades iraquianas, bem como do presidente dos EUA Barack Obama e da secretária de Estado Hillary Clinton.

**IrakSolidaritet / MV**



# Os EUA adiam a crise

O governo norte-americano evitou a morte de gigantes industriais e financeiros, mas não os salvou: comprou tempo

**N**o calor do Verão, as economias ocidentais regressaram ao crescimento, mas é um falso milagre. Com a economia norte-americana a registar crescimento e desaceleração no desemprego, os economistas dizem que a recessão acabou. A França e a Alemanha foram surpreendidas por igual sinal positivo nas suas estatísticas. Até Portugal cresceu um terço de um por cento no segundo trimestre do ano, e José Sócrates correu para reclamar o resultado como prova da sua liderança e genialidade. Para os EUA, a retoma deve-se à Reserva Federal Americana (o Fed) que tem sido incansável e sem escrúpulos na protecção da finança. Antes de 2007, as funções primárias do banco central norte-americano eram recolher as reservas legais dos bancos, comprar títulos da dívida pública para financiar o programa do governo, e escolher a taxa de juro que limitasse a inflação. Com o colapso do sistema financeiro, o Fed adquiriu novas e inesperadas funções. O Fed substituiu os bancos emprestando directamente às empresas fundos de curto prazo, entre 100 a 500 milhares de milhões de dólares. Desde Setembro de 2008, o Fed adquiriu os títulos baseados em hipotecas que ameaçavam os bancos de investimento, num total de 100 milhares de milhões. Finalmente, o Fed tem oferecido empréstimos às casas financeiras sem divulgar os termos dos contratos, nomeadamente as garantias que exige.

A crise cuja causa imediata fora o culminar da dívida pública e privada norte-americana, sobretudo no mercado imobiliário, foi "resolvida" com a nacionalização da dívida, o trabalho feito pelo Fed, e pelo aumento da dívida pública com programas de recuperação das empresas automóveis, seguradoras e bancos de investimento e planos de novas obras públicas. O governo norte-americano evitou a morte de gigantes industriais e financeiros mas não os salvou, comprou tempo. A nova dívida foi criada com a impressão de mais papel, notas de dólar, e venda de títulos do Estado para o estrangeiro.

Em Setembro de 2008, tanto a China como o Japão detinham 610 milhares de milhões de dólares em títulos, portanto 1.220 de um total de 2.800 milhares de milhões de dívida. Menos de um ano depois, este total subiu para 3.200 milhares de milhões, com a China financiando metade da nova dívida. Mas, mesmo os amigos chineses que mantêm a estabilidade do dólar precisam de contrapartidas para o seu investimento. Os EUA terão que pagar os juros que devem, através de forte crescimento económico ou aumento de impostos. Senão será a falência em massa da finança e indústria norte-americanas e o fim, já há muito anunciado, do dólar como moeda de referência internacional. Num jogo de póquer, o jogador que está a ficar sem fichas aposta tudo o que tem.

**Carlos Simões**

## Os sírios

O governo prontificou-se a acolher presos libertados de Guantánamo, no que passa por ser um gesto de "humanismo". Na verdade, trata-se de mais um serviço prestado aos EUA. As autoridades portuguesas apoiaram sem condições a "guerra santa" lançada por Bush em 2001 contra o "terrorismo". Desde então, os EUA raptaram e prenderam quem quiseram em todo o mundo sem que as autoridades portuguesas dessem um pio. Os voos com gente raptada passaram por território português com o compadrio de sucessivos governos. Agora que os EUA encerram Guantánamo por não saberem o que fazer aos presos, o governo português acede de novo, aceitando a exportação dos detidos. Os dois sírios que chegaram em segredo ao nosso país vão ficar em lugar não divulgado, sem identificação, como se de perseguidos ainda se tratasse. Não está em causa o acolhimento seja a quem for, para mais a vítimas como estas. Está em causa, de novo, a convivência do governo. Obama quer fechar Guantánamo mas recusa enfrentar a questão dos crimes cometidos nas pessoas dos prisioneiros. Contra isto, há a dizer que os EUA devem reconhecer a arbitrariedade com que agiram, levar a julgamento os responsáveis da era Bush e reparar os prejuízos causados às vítimas. Só assim se poria um termo justo à questão. Ora, nada disto, que é elementar, está em marcha. E nestas condições o acolhimento dos presos tem de ser entendido como uma ajuda a encobrir o crime.

**Manuel Raposo**

### DITO

Quanto maior for o exército industrial de reserva, tanto maior será a pobreza oficial. Esta é a lei geral absoluta da acumulação capitalista.

*Karl Marx (1818-1883), em O Capital*

